

Práticas de memória entre margens: gestos fotográficos de ocupação no território ribeirinho amazônico

Memory practices between river margins: photographic gestures of occupation in the Amazonian riverside territory

Prácticas de memoria entre márgenes: gestos fotográficos de ocupación en el territorio ribereño amazónico



Lucidalva Costa de Freitas

- Doutoranda em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Reabilitação da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)
- Mestra em Ciências pela FMUSP
- E-mail: lucidalvafreitas@usp.br
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1641-2363>



Victor Augusto Cavaleiro Corrêa

- Doutor em Doenças Tropicais pelo Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará (NMT/UFPA)
- Docente permanente da Faculdade de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFPA (FFTO/UFPA)
- E-mail: victorcavaleiro@gmail.com
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0133-7927>



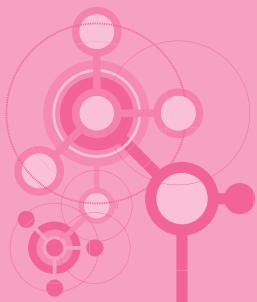
Marina Picazzio Perez Batista

- Docente da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)
- E-mail: marinapperez@usp.br
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6147-1728>



Paulo Roberto Nassar de Oliveira

- Docente da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)
- E-mail: paulonassar@usp.br
- ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2251-9589>



RESUMO

Este ensaio visual analisa práticas de memória territorial em comunidades ribeirinhas da Amazônia por meio de cinco fotografias. As imagens evidenciam modos de habitar, alimentar-se e cuidar que afirmam resistências cotidianas e reinscrevem gestos ordinários como travessias e rituais alimentares. A fotografia é tratada como dispositivo político e estético de memória, pertencimento e identidade, revelando o território como matriz sensível de ancestralidade, luta e invenção simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA TERRITORIAL • ANTROPOLOGIA VISUAL • AMAZÔNIA RIBEIRINHA • INTERFACES DA COMUNICAÇÃO.

ABSTRACT

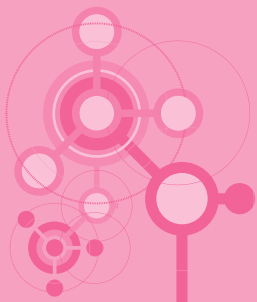
This visual essay analyzes territorial memory practices in Amazonian riverine communities through five photographs. The images reveal ways of dwelling, eating, and caring that affirm everyday resistance and reinscribe ordinary gestures such as crossings and food rituals. Photography is treated as a political and aesthetic device of memory, belonging, and identity, unveiling the territory as a sensitive matrix of ancestry, struggle, and symbolic inventiveness.

KEYWORDS: TERRITORIAL MEMORY • VISUAL ANTHROPOLOGY • AMAZONIAN RIVERSIDE • COMMUNICATION INTERFACES.

RESUMEN

Este ensayo visual analiza las prácticas de memoria territorial en comunidades ribereñas de la Amazonía a través de cinco fotografías. Las imágenes revelan modos de habitar, alimentarse y cuidar que afirman resistencias cotidianas y reinscriben gestos ordinarios como travesías y rituales alimentarios. La fotografía se presenta como un dispositivo político y estético de memoria, pertenencia e identidad, que revela el territorio como una matriz sensible de ancestralidad, lucha e invención simbólica.

PALABRAS-CLAVE: MEMORIA TERRITORIAL • ANTROPOLOGÍA VISUAL • AMAZONÍA RIBEREÑA • INTERFACES DE LA COMUNICACIÓN.



IMAGEM, MEMÓRIA E TERRITÓRIO

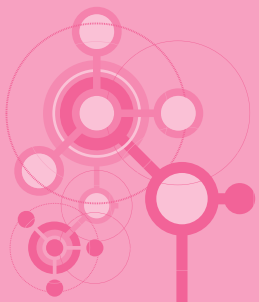
Este ensaio parte da fotografia como dispositivo analítico e expressivo, com a potencialidade de instaurar relações entre território, práticas cotidianas e modos singulares de existência coletiva. Nas cenas ribeirinhas aqui reunidas sob curadoria, o olhar é convocado a atravessar os limites da visibilidade instituída, imbricando-se entre fendas perceptivas nas quais subsistem memórias recalcadas e arquiteturas precárias de permanência. Essa mudança de olhar pode ser refletida à luz da concepção de que a memória não é abstrata, mas se concretiza em meios de recordação que vão sendo continuamente construídos e comunicados pela intergeracionalidade (Benjamin, 1994; Assmann, 2011).

Assmann (2011) diferencia memória comunicativa de memória cultural, ressaltando que as fotografias, enquanto artefatos duráveis, asseguram a transmissibilidade intergeracional das lembranças. Conceitua “espaços de recordação” como instâncias materiais ou simbólicas que estabilizam, fazem circular e reinscrevem a memória cultural, outorgando à imagem a função catalisadora de ativação memorial e de articulação entre experiências sensíveis e temporalidades compostas de tempos rígidos e fluidos. Erll (2011) evidencia o papel da mídia visual na modelagem dos processos de lembrança social, pois seus enquadramentos narrativos e modos de circulação constroem as bases da memória coletiva.

Neste ensaio, optou-se pelo repertório imagético concretizado em fotografias de contextos ribeirinhos, evidenciando as condições concretas da existência encenadas entre pausas e travessias, portanto, outras denotações de paisagem. Cada imagem atravessa certo espectro narrativo de um pertencimento: enuncia vínculos de vizinhança, evoca infraestruturas improvisadas, denuncia a persistência de ausências institucionais. Desse modo, essas visualidades não se oferecem à contemplação, suscitando, por outro lado, a implicação, uma vez que operam como linguagens visuais da sobrevivência. A análise do contemporâneo, nessa perspectiva, é direcionada pela manifestação sociocultural de um determinado tempo e espaço de referência, a qual é indissociável de sua origem: um olhar em espiral — inscrito na ancestralidade e em caleidoscópio — aspecto multidimensional do rito (Segalen, 2002). A força de narrativas decoloniais afirma vidas e territórios não hegemônicos na relação de poder, desvelando e legitimando a experiência e o saber histórico singular de pessoas que vivenciam situações de vulnerabilidade: seres da resistência que são, ao mesmo tempo, sobreviventes e testemunhas da inscrição da vida (Seligmann-Silva, 2022). O ordinário ganha espessura política, e o território comparece como matriz sensível de luta, afeto e inventividade simbólica (Benjamin, 1994).

Silva *et al.* (2020) propõem compreender o território como corpo estendido, tecido por inscrições afetivas, históricas e simbólicas, de modo que a captura fotográfica desse espaço o reinscreve como enunciação visual de resistência e pertencimento. Nesse sentido, as fotografias do território aqui apresentadas tensionam a percepção de suporte despido de impressões e atuam como catalisadores epistêmicos e estéticos, tecidos por forças temporais e simbólicas desse espaço, que modulam modos de vida e práticas de permanência.

Esse tensionamento vê a fotografia como aquela que, ao se inscrever nesse campo de fluxos e assombros, não sustenta a fixação, sendo tão deslizante quanto as águas, reverbera com os alagamentos, silencia com as ausências, acende com os gestos. O ensaio fundamenta-se na articulação entre imagem e prática social, compreendendo a visualidade como campo de disputa ontológica e epistemológica, onde os signos visuais operam como criação de mundos, sem se restringirem à representação de uma exterioridade pré-existente (Barthes, 1984; Ricoeur, 1983). A imagem assume a condição de campo de enunciação estética e política, campo simbólico no qual se imbricam narrativas complexas, gestualidades de resistência e maneiras de habitar o mundo. Contrapõe-se, desse modo, a paradigmas hegemônicos de representação, sobressaindo-se à limitação de sua função de registro técnico (Azoulay, 2008; Didi-Huberman, 2011). A imagem, concebida como tecnologia



simbólica relacional (Flusser, 2002), tensiona os dispositivos de controle do sensível e inaugura zonas de instabilidade na semiose dominante. Nesse deslocamento, o gesto fotográfico inscreve-se como enunciação insurgente, articulando regimes de presença e práticas de enraizamento que escapam aos modelos lineares de progresso e às formas administrativas de leitura do espaço (Douglas, 2010; Douglas, 1996; Mignolo, 2003). Amaral (2015) argumenta que a circulação de imagens em contextos periféricos opera como vetor de subversão simbólica, ao tensionar discursos hegemônicos e abrir vagas de reconhecimento público. Desse modo, a fotografia inscreve significados no presente e funciona como dispositivo narrativo, tornando-se agente ativo na rememoração coletiva.

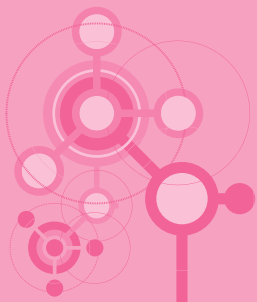
Como efeito, o que se vislumbra, portanto, não é a paisagem em sua inteireza, mas o acúmulo de experiências condensadas em gestos mínimos: cruzar um igarapé, realizar travessias de barcos, subir uma escada de madeira, sustentar o cotidiano entre ciclos da cheia e da seca. Trata-se, então, de compor uma escrita visual que resiste à clausura do visível, instaurando uma poética do intervalo e uma política da memória amalgamada na ancestralidade, em que os ausentes se fazem presentes em função do ato de rememorar tais gestos ordinários, compondo-se também nos corpos que persistem. Aqui, a análise toma a paisagem na perspectiva decolonial, com a produção de novas sensibilidades, nas quais o corpo e sua localização são reconhecidos como parte da construção de narrativas de existência (Seligmann-Silva, 2022). A paisagem é compreendida como um processo constante de remodelagem sobre os efeitos da prática de recordação, a qual carrega o paralelismo de ser memória e esquecimento que caminham juntos — processo constante de transmutação. Ela não é abstrata; é por onde se vive, se transita, sendo a memória uma construção da vida diária (Seligmann-Silva, 2022).

CARTOGRAFIAS VISUAIS DA MARGEM: CURADORIA FOTOGRÁFICA COMO GESTO DE VISIBILIDADE E PERTENCIMENTO

As fotografias apresentadas neste ensaio podem ser compreendidas na triangulação entre *locus* (território ribeirinho amazônico, fortemente marcado pela relação intrínseca de elementos socioambientais), *cronos* (temporalidade marcada pela experiência relacional com o território) e *inscrição sensível* (tessitura simbólica da construção da experiência singular e coletiva com esse tempo e espaço).

Acredita-se que as cenas aqui desveladas convocam o leitor-espectador a implicar-se nas tramas socioterritoriais em que estética, política e memória convergem para produzir visibilidade aos modos de vida historicamente invisibilizados. A escolha por retratar elementos do vivido no território da Amazônia ribeirinha brasileira desconstrói a falsa dicotomia entre natureza e cultura, reforçando que a questão ambiental é central em qualquer debate da sociedade contemporânea. Os saberes tradicionais são aqui tratados como lugares de testemunho e sobrevivência diante da inviabilização nesse território, utilizando-se a perspectiva de Seligmann-Silva (2022). Nesse sentido, as fotografias são marcadas pela (re) existência e (des)aceleração, expressões socioculturais inscritas na relação singular e coletiva, indissociáveis do ambiente.

A curadoria fotográfica proposta inaugura um gesto de visibilidade para registros oriundos das margens, convocando modos de habitar, vínculos comunitários e estratégias de manutenção da vida em territórios ribeirinhos. Esse processo inspira-se nos princípios de cartografia sensível das práticas rituais de Segalen (2002) e organiza-se em cinco blocos temáticos, a saber: práticas alimentares, deslocamentos fluviais, redes de sociabilidade, trocas intergeracionais e temporalidades entre margens. A apresentação foi estruturada em blocos, convidando a uma leitura atenta das imagens que insurgem contra a invisibilidade. Ao fotografar esses espaços (Figura 1), a curadoria reinscreve o pertencimento ribeirinho como ato de



resistência e afirmação identitária. Cada bloco temático, assim, torna-se, figura a figura, tessitura visual em que estética, política e memória convergem para devolver às margens sua condição de centro de enunciação.

Figura 1: Entre casas à margem do rio e embarcações

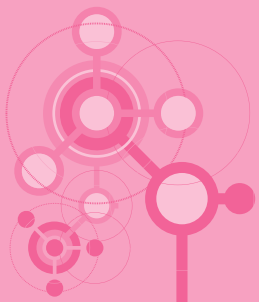


Fonte: Acervo pessoal dos autores (2021).

A Figura 1 ilustra uma casa suspensa sobre estacas de madeira à margem do rio e, diante dela, um barco ancorado. O cotidiano ribeirinho inscreve-se na confluência entre madeira, correnteza e gesto, compondo uma ecologia simbólica em que o habitar enraíza-se nas variações do nível das águas, nos saberes vernaculares e nas práticas ancestrais de convivência com a floresta e o rio. As construções em palafitas são estratégias vernaculares de adaptação a inundações e regimes hídricos variáveis, integrando saberes locais e inteligência territorial (Huebner, 2025). Ao incorporar a mobilidade como condição ontológica, a arquitetura ribeirinha desfaz fronteiras entre dentro e fora, firmeza e flutuação, técnica e mito.

A presença do barco narra uma vida em trânsito, marcada pela fluidez e adaptação a um “espaço vivido” (Pink, 2013), em que sentidos e práticas cotidianas se tornam inscrições de memória compartilhada. Flusser (2002) compreende o quadro como gesto filosófico que suspende o automatismo perceptivo e inaugura uma ética da imagem. A relação entre arquitetura vernacular e travessia fluvial revela a fluidez territorial e a tensão entre ecologia material e modos de existir, configurando a fotografia como mediação crítica do espaço.

A embarcação ancorada à soleira da residência prolonga o espaço doméstico e encarna um modo de existência fundado na travessia, na circularidade e na reconfiguração constante dos limites espaciais (Godoi, 2004; Hocking, 2009). O rio, longe de se reduzir a obstáculo ou pano de fundo, constitui eixo vital e cosmológico, operando como extensão do corpo, via de acesso, lugar de sustento e de relação. Essa territorialidade movente transforma os ritmos da natureza em coordenadas de organização social, instaurando uma política do cotidiano que tensiona as categorias modernas de cidade, infraestrutura e planejamento (Haesebaert, 2011; Santos, 2002).



Em Martín-Barbero (2003), a comunicação é compreendida como um campo de deslocamento epistemológico, no qual o foco se transfere dos meios às mediações, isto é, às tramas simbólicas que enraízam o sentido nas práticas sociais. As mediações configuram-se como matrizes culturais de produção de sentido, nas quais o cotidiano, o corpo e o território atuam como operadores de resistência e de reescrita identitária. Nessa chave, o ato comunicativo ultrapassa o dispositivo técnico e converte-se em experiência política, estética e histórica de inscrição NO mundo. Quando articulada ao gesto, a paisagem converte-se em prática; ao entrelaçar-se à memória, o espaço ritualiza-se. Nesse entremeio, a ocupação ribeirinha revela potência epistêmica, estética e política. Para Amaral (2015), a circulação de imagens periféricas tensiona narrativas hegemônicas e estabelece modos de visualização alternativos de reconhecimento. A fotografia selecionada atua como vetor de contestação simbólica, criando cartografias de sentido que ecoam cosmologias locais e gestualidades compartilhadas.

A casa amazônica e a embarcação configuram gesto arquitetônico de resistência e mobilidade que, segundo Bamberg (2012), constrói identidade territorial na prática. A fotografia desse registro (Figura 2) atua como narrativa multimodal (Ryan, 2004), articulando espaço, materialidade e tempo simbólico (Silva *et al.*, 2020).

Figura 2: Conexões entre margens



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2021).

A Figura 2 mostra uma ponte de madeira que atravessa o rio, figurando-se como dispositivo precário, porém vital, de conexão entre as margens. Essa estrutura, marcada pelo uso constante de pedestres, evidencia infraestruturas vernaculares que sustentam a circulação, o encontro e a interdependência comunitária. Ao unir territórios separados, a travessia materializa redes simbólicas de pertencimento, instaurando passagens entre modos de habitar, saberes locais e temporalidades partilhadas (Haesebaert, 2011).

Na materialidade improvisada dessa ponte, manifesta-se a negociação permanente com o ambiente e suas inconstâncias, expressão de tradição, precariedade e resistência (Knapp, 2020; Munhoz et al., 2025). Didi-Huberman (2011) concebe a

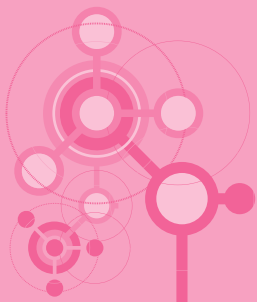


imagem como intervalo entre o visível e o invisível, persistindo mesmo sob condições de apagamento. Nesse contexto, as fotografias funcionam como pontos de fissura na cronologia dominante.

A travessia (Figura 3) deixa de ser mero deslocamento físico para operar como tecnologia política de conexão e de afirmação coletiva, revelando a ontologia ribeirinha como tensão criativa entre mundos distintos — as “lógicas ch’ixi”, em que a expressão local é conjugada com “o seu oposto, sem nunca se misturar com ele”, definidas por Cusicanqui (2021, p. 111). Nesse gesto epistêmico, a madeira fragilizada converte-se em testemunha de experiências acumuladas — acúmulo de vivências que Walter Benjamin (1994) descreve como *Erlebnis*, transmissão entre gerações.

Erll (2011) enfatiza o papel da mídia visual na produção social da memória, pois seus enquadramentos narrativos reconfiguram modos de lembrar e articulam experiências individuais e coletivas. Flusser (2002) amplia esse entendimento ao afirmar que o ato de fotografar suspende automatismos perceptivos e instaura um gesto filosófico que cria espaços de reflexão ética.

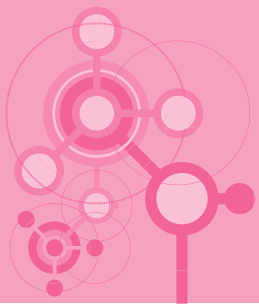
Figura 3: Travessia e temporalidade fluvial



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2021).

A Figura 3 apresenta um barco regional de madeira com cobertura clara deslizando sobre o rio ao entardecer, ladeado por vegetação amazônica. Essa cena evoca deslocamentos reiterados, tecnologia de sobrevivência e prática de habitar. O barco, ao encarnar fluidez e adaptação, atua como extensão do corpo, superfície de memória e mediação sensível entre mundos em movimento (Godoi, 2004; Huebner, 2025). O barco prolonga o corpo social, servindo simultaneamente de local de trabalho, encontro e contemplação. Em cada travessia, reinscreve-se a lógica ribeirinha do tempo e do espaço, ancorada nos fluxos naturais e nas necessidades coletivas.

O deslocamento ribeirinho produz temporalidades expandidas, em que gestos de cuidado e convivência se entrelaçam às práticas de sustento. Nesse fluxo contínuo, a travessia revela-se uma afirmação de pertencimento e agência, desafiando leituras puramente funcionais do movimento cotidiano.



A luz do entardecer intensifica a dimensão ritual do deslocamento, instaurando uma cronotopia própria em que o tempo do rio pulsa conforme a correnteza, distinto dos cronogramas urbanos (Bakhtin, 1992). Esse fazer cotidiano, situado em contexto socioterritorial, mobiliza sentidos de pertencimento e agência que desafiam leituras puramente funcionais da ocupação (Kantartzis; Molineux, 2017). O barco assume o papel de superfície de mediação entre corpo, água e paisagem, compondo uma ecologia da ocupação em que a travessia se revela gesto, linguagem e forma de existência.

Nesse registro (Figura 4), o entardecer refletido na água permanece como ferida aberta, como o instante barthesiano instaurado que surpreende o espectador. Um tempo liminar acontece, evocando a presença ausente e o luto por aquilo que “foi” e que “continua a acontecer em mim”, aquilo que rompe com a ordem culturalmente esperada e organizada (Barthes, 1984). Fontcuberta (2007, p. 79; p. 114) reforça que “toda fotografia é construção política, revelando mais sobre quem a produz e como circula do que sobre seu conteúdo aparente”. A travessia capturada aqui não documenta de modo objetivo, mas funda uma narrativa de resistência territorial e nega a neutralidade técnica, oferecendo-se como espaço de invenção poética e de afirmação de modos de vida minoritários.

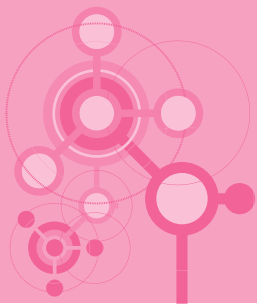
Figura 4: Tecidos ao vento: cuidado cotidiano e territorialidade



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2021).

A Figura 4 mostra um varal de roupas disposto sobre um deck de madeira à beira do rio, com peças coloridas esvoaçando sob o sol e o vento. A cena exige uma aproximação sensível às práticas domésticas que entrelaçam corpo, ambiente e cuidado no cotidiano ribeirinho. Lavar, estender e recolher são gestos mínimos e reiterados que, ao se inscreverem no espaço compartilhado, reconfiguram o ordinário como campo de presença e de territorialidade. Nesse horizonte, o varal ultrapassa sua função utilitária e configura uma superfície simbólica em que a vida se expõe, respira e se reinventa em diálogo com os elementos naturais.

A presença do varal tensiona as fronteiras entre público e privado, natureza e cultura, trabalho e cuidado. As roupas estendidas tornam visível a intimidade das rotinas e a articulação sensível entre o gesto doméstico e a paisagem.



Segalen (2002) mostra que práticas familiares cotidianas carregam densidade simbólica ao se constituírem em formas de manutenção da vida e de atualização de pertencimentos. Em territórios ribeirinhos, esses rituais se enraízam em ecologias relacionais que cruzam ritmos naturais, saberes compartilhados e gestos transmitidos entre gerações. A cena revela, assim, uma ética do cuidado situado, traduzida na repetição atenta de gestos cotidianos, em que a ocupação assume caráter prático e existencial (Hocking, 2021; Mol, 2008).

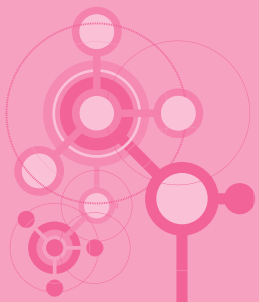
Bamberg (2012, p. 104) contribui ao argumentar que “a repetição de ações como estender, recolher e dobrar constitui narrativas identitárias performadas, por meio das quais o corpo age e enuncia simultaneamente”. Esses gestos tornam-se marcas biográficas que integram o sujeito ao espaço e à memória coletiva. Pink (2013, p. 52) observa que “a fotografia, ao capturar tais ações, não apenas congela um instante, mas evoca uma ecologia sensorial do cotidiano”. O varal assume a condição de artefato narrativo capaz de mobilizar o olhar, o olfato, o tato e a escuta. As roupas expostas ao sol anunciam presença e cuidado, mas também vulnerabilidade e resistência. Desse modo, o varal ultrapassa o dispositivo doméstico para se tornar palco sensorial de experiências vividas e partilhadas, enunciando o cotidiano como tempo vivido e estetizando o ordinário com dignidade e presença.

A Figura 5 apresenta duas tigelas de açaí e uma porção de peixe frito dispostas sobre uma mesa rústica em área aberta, cercada por utensílios e objetos do cotidiano. A cena convoca os sentidos ao rito partilhado da alimentação, evidenciando que o ato de comer, mais do que gesto fisiológico, constitui prática relacional, performativa e territorializada. O alimento preparado e disposto no espaço comum atualiza vínculos, sustenta corporeidades e funciona como linguagem de cuidado. Em territórios ribeirinhos, onde o fazer cotidiano se entrelaça à ecologia local, a comensalidade converte-se em gesto de presença e reciprocidade, momento em que se compartilham alimentos, memórias, afetos e pertencimentos (Hasselkus, 2006).

Figura 5: Rito da comensalidade: alimentação, vínculo e dignidade cotidiana



Fonte: Acervo pessoal dos autores (2021).



Conforme Hasselkus (2006), os significados mais profundos da vida cotidiana emergem na repetição sensível de gestos ordinários, conferindo densidade simbólica às práticas ancoradas em tempos e espaços específicos. Comer em conjunto, nesse contexto, ritualiza a convivência: os corpos alinham-se aos ciclos do rio, às práticas de pesca, ao preparo artesanal dos alimentos e às sociabilidades forjadas sob as casas-palafita. A cena revela uma ritualidade silenciosa que ancora o cotidiano em práticas de sustentação da vida, em que o ato de alimentar-se se inscreve como narrativa de cuidado e inscrição territorial.

Bruner (1997) argumenta que os rituais sociais organizam a experiência e moldam a construção de significados compartilhados. Nesse sentido, a mesa posta deixa de ser mero suporte físico para assumir o status de espaço narrativo, palco em que memória, vínculos, linguagem e identidade se entrelaçam. A comida, então, torna-se símbolo e narrativa sensível, articulando o eu e o outro em trama comunitária. Cusicanqui (2021) amplia essa reflexão ao enfatizar que a alimentação coletiva constitui forma de regeneração de vínculos sociais e de resistência ao colonialismo epistêmico. A imagem da mesa posta torna-se, assim, expressão de um *ethos* comunitário insurgente, ancorado em práticas simples, porém profundamente políticas (Cusicanqui, 2021).

A refeição compartilhada mobiliza sentidos que ultrapassam a nutrição. Trata-se de um ritual de encontro, transmissão de saberes e celebração da pertença territorial. A comensalidade constitui ação concreta e memória sensível, enraizada nos saberes compartilhados, na ancestralidade alimentar e nos gestos cotidianos que reiteram a vida apesar das adversidades. Kronenberg *et al.* (2011) mostraram que espaços cotidianos também são territórios simbólicos, onde se afirmam modos de existir e resistir. Bailliard *et al.* (2013) destacaram que práticas situadas, como comer em conjunto, expressam dimensões de justiça ocupacional e *agency* coletiva.

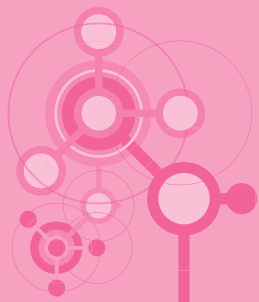
A mesa posta com alimentos típicos da região amazônica reconfigura o espaço como lugar de comunhão e estética do cotidiano. Didi-Huberman (2011) e Kronenberg *et al.* (2011) evidenciam que o cotidiano pode funcionar como dispositivo ético de memória e vínculo, em que a repetição dos ritos cotidianos instaura uma poética de pertencimento e resistência.

CURADORIA FOTOGRÁFICA: VISIBILIDADE E RECONHECIMENTO DE MODOS DE EXISTÊNCIA

As imagens articulam vínculos comunitários, gestos cotidianos e singularidades de vidas ribeirinhas em profunda interconexão com o meio ambiente, ao mesmo tempo que revelam fragilidades estruturais e ausência de políticas públicas, mas também projetam a potência criativa condensada em práticas de sobrevivência e resistência. O conjunto visual configura-se como enunciação estética e política, pois instaura fissuras no sensível, tensiona normativas hegemônicas e reinscreve significados no presente.

Na síntese interpretativa, o *corpus* imagético compõe uma narrativa de resistência cotidiana, uma vez que o território se manifesta como matriz de sensibilidade, em que luta, afeto e inventividade simbólica se entrelaçam. O ordinário adquire densidade ritual, pois ancora a subsistência, imprime biografias no espaço e inscreve memórias partilhadas. Habitar a margem equivale a afirmar pertença em travessia constante, de modo que temporalidades e espacialidades se reorganizam conforme os ciclos naturais e as exigências da coletividade.

A posição autoral sustenta que a curadoria ultrapassa a função documental e se estabelece como gesto ético-político de reconhecimento, já que a paisagem em movimento, a circularidade das travessias e a repetição dos rituais cotidianos



constituem enunciações que devolvem centralidade às margens e visibilidade às vidas ribeirinhas, reinscrevendo-as na cena pública da memória e da existência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio demonstrou que a fotografia ribeirinha atua como prática política e estética capaz de reconfigurar as relações entre corpo, território e memória. As imagens selecionadas ativam narrativas de resistência, inscrevem o cotidiano como gesto de pertencimento e afirmam a densidade de saberes vernaculares que atravessam as marés, os ciclos sazonais e as gerações. Ao interromper o automatismo do olhar, essas fotografias convocam uma escuta sensível dos ritmos sociais e ecológicos, instaurando um compromisso ético com a visibilidade das formas de existência ribeirinhas.

As cartografias visuais apresentadas neste ensaio mostram infraestruturas socioculturais e saberes tradicionais que se revelam em pontes de madeira, embarcações, varais de roupas e palafitas que sustentam a vida coletiva e articulam ecologias de cuidado. Esses artefatos, capturados em seus gestos cotidianos, tornam-se dispositivos de enunciação capazes de tensionar fronteiras entre público e privado, natureza e cultura, tradição e inovação.

Fica o convite a manter o olhar atento às fissuras do sensível, a escutar as vozes encarnadas nos gestos diários e a reafirmar a potência das imagens que resistem ao esquecimento.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. F. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. *Líbero*, São Paulo, v. 18, n. 36, p. 43-54, jul./dez. 2015.

ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: EdUnicamp, 2011.

AZOULAY, A. *The civil contract of photography*. New York: Zone Books, 2008.

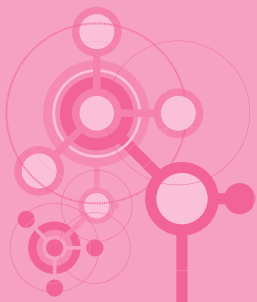
BAILLIARD, A.; ALDRICH, R. M.; DICKIE, V. A. Ethnography and the transactional study of occupation. In: CUTCHIN, M. P.; DICKIE, V. A. (ed.). *Transactional perspectives on occupation*. Dordrecht: Springer, 2013. p. 111–125.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAMBERG, M. Narrative practice and identity navigation. In: HOLSTEIN, J. A.; GUBRIUM, J. F. (org.). *Varieties of narrative analysis*. Thousand Oaks: Sage Publications, 2012.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENJAMIN, W. O narrador. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.



BRUNER, J. *Atos de significado*. Lisboa: Edições 70, 1997.

CUSICANQUI, S R. *Ch'ixinakax utxiwa*: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

DIDI-HUBERMAN, G. *Remontagens do tempo sofrido*: o olho da história. Belo Horizonte: EdUFMG, 2011.

DOUGLAS, M. *Os símbolos naturais*: explorações em cosmologia. Petrópolis: Vozes, 2010.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*: uma análise dos conceitos de poluição e tabu. Belo Horizonte: EdUFMG, 1996.

ERLL, A. *Memória cultural*. São Paulo: Contexto, 2011.

FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta*: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2002.

Fontcuberta, J. *A câmara de Pandora*: a fotografia depois da fotografia. São Paulo: GG Brasil, 2007.

GODOI, E. P. Cultura ribeirinha e formas de territorialidade no Baixo São Francisco. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 75-99, 2004.

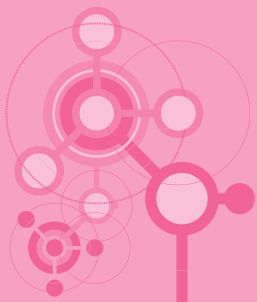
HAESEBAERT, R. *O mito da desterritorialização*: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

HASSELKUS, B. R. The world of everyday occupation: real people, real lives. *American Journal of Occupational Therapy*, v. 60, n. 6, p. 627–640, 2006. DOI: <https://doi.org/10.5014/ajot.60.6.627>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/6644867_The_World_of_Everyday_Occupation_Real_People_Real_Lives. Acesso em: 9 out. 2025.

HOCKING, C. The challenge of occupation: describing the things people do. *Journal of Occupational Science*, v. 16, n. 3, p. 140-150, 2009. DOI: 10.1080/14427591.2009.9686655. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14427591.2009.9686655>. Acesso em: 9 out. 2025.

HOCKING, C. *Occupational science*: society, inclusion, participation. Oxford: Wiley-Blackwell, 2021.

HUEBNER, S. Floating and stilted structures as strategies in coastal climate adaptation: local monsoon adaptation practices and implications for flood risk management. *Climate Risk Management*, v. 49, 100719, 2025. DOI: 10.1016/j.crm.2025.100719. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2212096325000336>. Acesso em: 9 out. 2025.



KANTARTZIS, S.; MOLINEUX, M. Collective occupation in public spaces and the construction of the social fabric. *Canadian Journal of Occupational Therapy*, v. 84, n. 3, p. 168-177, 2017. DOI: 10.1177/0008417417701936. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28569548/>. Acesso em: 9 out. 2025.

KNAPP, R. G. China's corridor bridges: heritage buildings over water. *Built Heritage*, v. 4, art. 10, 2020. Disponível em: <https://built-heritage.springeropen.com/articles/10.1186/s43238-020-00010-w>. Acesso em: 9 out. 2025.

KRONENBERG, F.; POLLARD, N.; SAKELLARIOU, D. (ed.). *Occupational therapies without borders: towards an ecology of occupation-based practices*. Oxford: Elsevier, 2011.

MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 2003.

MIGNOLO, W. D. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOL, A. *The logic of care: health and the problem of patient choice*. London: Routledge, 2008.

MUNHOZ, I. D.; PEREIRA, M. C. M.; LIMA, A. J. N.; PAULA, E. V. C. M. Wooden bridges in Amazonia: recommending regional forest species for structural maintenance. *Revista Árvore*, v. 49, 2025. DOI: 10.53661/18069088202549263863. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rarv/a/mJzygJjRtvJfYnNy5SGjKnf/?format=html&lang=en>. Acesso em: 9 out. 2025.

PINK, S. *Doing visual ethnography*. 3. ed. London: Sage Publications, 2013.

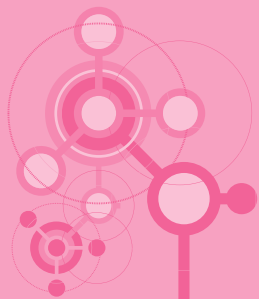
RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1983.

RYAN, M. L. *Narrative across media: the languages of storytelling*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2004.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 2002.

SEGALEN, M. *Ritos e rituais contemporâneos*. Campinas: Papirus, 2002.

SELIGMANN-SILVA, M. *A virada testemunhal e decolonial do saber histórico*. Campinas: SciELO; EdUnicamp, 2022.



SILVA, A. B.; FILHA, I. G. A.; BENEVIDES, K. M. M.; SILVA, D. M.; RODRIGUES, P. M. A.; SILVA, S. C.; GARZÓN, M. I. C. Cultura dos povos originários da floresta amazônica na gestação e no puerpério: uma revisão de escopo sob o ponto de vista da segurança alimentar e nutricional. *Saúde em Debate*, v. 44, n. 125, p. 61-78, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gLgf7Gnd7pBXsZQfXrMvNbW/?lang=pt>. Acesso em: 9 out. 2025.

Artigo recebido em 22/07/2025 e aprovado em 22/09/2025.